

Representatividade não é o suficiente, mas importa: reflexões de/sobre mulheres violonistas, música e educação musical¹

Comunicação

Andrielle Evelyn de Sousa Teixeira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
andriqmr@gmail.com

Beatriz Manaia Irineu
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
beatriz.manaia.104@ufrn.edu.br

Mário André W. Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre representatividade na música, a partir de perguntas norteadoras feitas em documento compartilhado no Google Docs, sobre a trajetória de formação e atuação das autoras: duas mulheres violonistas, residentes em Natal/RN. Buscamos contribuir com as discussões sobre mulheres na música e sobre as barreiras que lhes foram/são impostas em função do patriarcado. Esperamos que este estudo contribua para ampliar o reconhecimento e a visibilidade das mulheres violonistas, incentivando uma transformação nas práticas de ensino, pesquisa e performance musical, para inspirar futuras gerações de mulheres – bem como de outros grupos minorizados – a seguirem seus objetivos na música sem restrições impostas por estereótipos de qualquer tipo.

Palavras-chave: Mulheres violonistas; Formação e atuação musical.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre representatividade na música a partir da trajetória de formação e atuação de duas mulheres violonistas atuantes na cidade de Natal. Buscamos contribuir com as discussões sobre mulheres na música e sobre as barreiras que lhes foram/são impostas em função do patriarcado, que, numa perspectiva interseccional, se integra a outras formas de dominação, exclusão e discriminação estruturais da sociedade, como o classismo, o racismo, a LGBTfobia, o etarismo, o capacitismo entre outras.

¹ Dedicamos este texto à memória de Mayara Amaral. E registramos aqui o nosso agradecimento a Thaís Nascimento e Yanaêh Mota pela revisão e contribuições para este trabalho.

Nessa perspectiva, mulheres, além de sofrerem com a misoginia e machismo, podem encontrar desafios em suas trajetórias em função de outros aspectos sociais que as marcam, como sua classe social, sua orientação sexual, sua cor de pele, sua faixa etária, suas deficiências, entre outros aspectos. Estudos do Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da UFRN, do qual fazemos parte, têm evidenciado tais desafios que se apresentam a grupos minorizados no campo da música e da educação musical (vf. GRUMUS, 2020).

Ao falarmos de “grupos minorizados”, é importante salientar que nos referimos a grupos que são socialmente marginalizados e subjugados pela estrutura social que os cerca, em oposição a questões puramente quantitativas. Em relação ao gênero, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2022), as mulheres representam 51,1% da população brasileira, enquanto homens compõem 48,9%². No entanto, é importante destacar que mesmo com uma maioria numérica, as mulheres ainda são consideradas um grupo minoritário. Tão pouco é por estes grupos serem menos capazes, mas sim por termos uma estrutura de privilégios e dominação – do homem branco, cis, hétero, de “primeiro mundo” – que faz com que estes grupos tornem-se minoritários pela quantidade de direitos que lhe foram e ainda são negados, portanto, “(...) quando falamos sobre grupos minorizados, fazemos referência a todas as pessoas que se encontram em categorias que sofrem com o preconceito, a desigualdade e a baixa representatividade em espaços de influência.” (CARNEIRO, 2022).

Para além, quando falamos no título deste trabalho que representatividade não é suficiente, concordamos na aplicação do conceito de Tokenismo³, onde há uma falsa inclusão destes grupos minoritários, utilizando exceções para fazer o mundo parecer mais justo. É algo muito comum em empresas que utilizam isso como marketing ou até mesmo justificativa para

²Conheça o Brasil - População: Quantidade de homens e mulheres. IBGE, 2022. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 16/07/23.

³“Em inglês, a palavra token “é usada para se referir a algo que é feito para prevenir outras pessoas de reclamarem, apesar de não ser uma atitude sincera e de não ter nenhum significado prático”, explica o Dicionário Cambridge.”. (CAMAZANO, Priscila, 2022). Entenda o que são os conceitos de Tokenismo e lavagem da diversidade. Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/entenda-o-que-sao-os-conceitos-de-tokenismo-e-lavagem-da-diversidade.shtml>>. Acesso em: 16/07/23.

não contratar mais pessoas de grupos minorizados, argumentando que já têm um representante desse grupo.

Por fim, este trabalho tem em vista tratar de trajetórias individuais visando à reflexão mais ampla sobre o lugar das mulheres no campo da música e, mais especificamente, na área do violão. Para a sistematização dos relatos, utilizamos um documento via Google Docs com uma série de perguntas sobre nossa trajetória como mulheres e professoras na área do violão e, ao final, refletimos que, apesar de termos seguido caminhos distintos, o ponto de congruência é o mesmo: a falta de representatividade e em como esta afeta nossa trajetória musical. Como aporte teórico, utilizamos de autoras da área do violão que tratam também da temática de gênero e música em seus trabalhos, são estas: Mayara Amaral (2017) e Thaís Oliveira (2022).

Para refletir sobre estas questões, subdividimos o texto em quatro seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda traz uma breve revisão bibliográfica sobre estudos no campo da música e gênero, com trabalhos sobre mulheres na música, em especial, no violão e na composição para o instrumento, refletindo sobre opressões estruturais, suas implicações e alternativas de projetos musicais que possam transformar este panorama. Na terceira, apresentamos fragmentos de relatos de mulheres violonistas na cena de Natal, destacando suas perspectivas e tecendo reflexões sobre eventos significativos de suas trajetórias. Por fim, na quarta e última parte, apresentamos as reflexões finais deste trabalho.

Mulheres e violão na literatura acadêmico-científica da Música

A literatura acadêmica no campo da Música tem avançado nos últimos anos com relação a uma maior produção de trabalhos com reflexões sobre os impactos da misoginia, do racismo, do classismo, do capacitismo entre outras formas de opressão no campo da música, de forma a propor ações afirmativas e projetos artísticos que buscam fomentar a igualdade, representatividade e visibilidade nesta área. São exemplos dessas iniciativas no campo da música – tendo este trabalho um enfoque maior em autoras brasileiras – trabalhos como os de Lucy Green (1997), Helena Lopes (2002; 2004), Mayara Amaral (2017), Yanaêh Mota (2020) e Thaís Nascimento Oliveira (2022). No campo da educação, Guacira Lopes Louro (1995) tem sido referência fundamental.

Especificamente, sobre mulheres no campo da música, há trabalhos como o de Yanaêh Mota (2020), que investigou a trajetória de professoras de violoncelo em universidades nordestinas, levando em consideração os marcadores sociais de gênero e diversidade sexual. Para além, temos também os trabalhos de Thaís Oliveira (2022), que objetiva a reflexão sobre música e gênero nas universidades a partir do repertório violonístico. No entanto, especificamente, sobre a área de violão, são poucos os trabalhos que abordaram o tema. Podemos citar como pioneiro desse campo temático, o trabalho de mestrado em música de Mayara Amaral – cuja trajetória de vida foi brutalmente interrompida, sendo vítima de feminicídio em 2017.

Inspirada no estudo de Mayara, Thaís Nascimento Oliveira, em seu trabalho de mestrado, refletiu sobre música e gênero no contexto universitário. As duas dissertações destacam a importância das mulheres compositoras e suas contribuições para a música, dando destaque para o repertório violonístico, cada uma abordando um aspecto diferente do tema.

A dissertação de Mayara Amaral, defendida em 2017, foca na análise e apresentação de obras compostas por mulheres brasileiras na década de 1970. O objetivo principal foi dar visibilidade a essas compositoras e suas obras, que são pouco conhecidas e tocadas. A pesquisa envolveu a busca em diversas fontes, como catálogos de obras, livros e entrevistas. Foram selecionadas obras de cinco compositoras brasileiras: Lina Pires de Campos, Adelaide Pereira da Silva, Eunice Katunda, Esther Scliar e Maria Helena da Costa. A análise das peças foi embasada no livro de John White (1976), "The Analysis of Music", além dos preceitos de Schönberg e Kostka. Os resultados revelaram congruências estilísticas e aspectos que dialogam com as vertentes estilísticas do período analisado. Nas entrevistas, percebe-se que também há uma relação entre a invisibilização destas mulheres no repertório violonístico a partir de seu gênero.

Thaís Oliveira (2022) buscou refletir, em sua dissertação, sobre música e gênero no contexto universitário, a partir do repertório para violão interpretado em cursos de licenciatura e bacharelado em Música. O objetivo geral da pesquisa foi realizar um levantamento e análise musical feminista de obras para violão compostas por mulheres. O estudo utilizou referências teóricas relacionadas à produção do campo de música e gênero,

incluindo as epistemologias feministas. O repertório interpretado em cursos de bacharelado e licenciatura em música é analisado, revelando a predominância de obras de homens compositores. A pesquisa inclui um levantamento de obras compostas por mulheres violonistas, com base em estudos anteriores, e a análise de um recorte de cinco obras selecionadas. Através desse estudo, é possível refletir sobre a desigualdade de gênero presente no repertório para violão interpretado na universidade, além de contribuir para o levantamento de repertório composto por mulheres e expor o processo de ressignificação que a pesquisa feminista provocou na prática interpretativa da pesquisadora.

Ambas as dissertações são relevantes para os estudos sobre mulheres violonistas, pois abordam diferentes aspectos do tema. A primeira contribui para a valorização e visibilidade das compositoras brasileiras da década de 1970, resgatando suas obras e destacando sua participação no cenário da composição musical. Já a segunda aborda a desigualdade de gênero no repertório para violão interpretado na universidade, propondo uma análise musical feminista e contribuindo para o levantamento de repertório composto por mulheres. Ambas as pesquisas trazem à tona a importância de reconhecer e incluir as mulheres na história e na prática da música, ampliando a diversidade de vozes e perspectivas no campo da música violonística.

Embora não tenha focado especificamente nas mulheres violonistas, a pesquisa de Yanaêh Vasconcelos Mota trouxe reflexões relevantes para o contexto das mulheres instrumentistas, professoras e pesquisadoras de instrumento. Mota (2020) abordou o desenvolvimento profissional de duas professoras de violoncelo de universidades federais nordestinas, considerando suas concepções sobre gênero e diversidade sexual na formação em música. Os objetivos da pesquisa envolveram conhecer as narrativas de formação e atuação em música das colaboradoras, destacando suas experiências e concepções docentes sobre gênero e diversidade sexual na formação e atuação em música. A fundamentação teórica da pesquisa, ancoradas em proposições de Judith Butler e Joan Scott, sobre gênero e diversidade sexual. Embora as colaboradoras da pesquisa tenham semelhanças em suas formações acadêmicas e vidas pessoais, diferenciam-se em suas perspectivas profissionais e concepções sobre gênero e diversidade sexual em sua prática pedagógica. Enquanto uma das professoras se engaja politicamente na vida universitária, propondo ações de

empoderamento das mulheres e inclusão de pessoas LGBTQIA+, a outra concentra-se mais nos aspectos técnicos e interpretativos do repertório canônico do violoncelo, afastando-se das discussões e ações sobre diversidade na academia.

A pesquisa de Mota (2020) concluiu que as professoras estão em diferentes estágios de suas carreiras profissionais e que suas trajetórias de formação e envolvimento social afetam suas concepções sobre gênero e diversidade sexual. O estudo, portanto, trouxe contribuições para a reflexão e o debate sobre essas questões na formação acadêmica em música e sua relação com questões de gênero e sexualidade

Relatos de mulheres violonistas da cena de Natal sobre suas trajetórias

Nesta seção, buscaremos apresentar e refletir sobre vivências e experiências das duas autoras deste trabalho em relação ao tema aqui abordado: mulheres na música – sobretudo no violão – e a importância da representatividade feminina nesta área.

Este trabalho surgiu através de uma série de discussões que tivemos ao conversarmos informalmente entre nós sobre representatividade de gênero em diversos âmbitos da música, desde composição e interpretação até o fato de percebermos que, em algumas formações como o piano e o canto, há uma maior participação de mulheres comparado ao violão. Com isto, decidimos que não gostaríamos de estar sozinhas nesta discussão, então surgiu a ideia da criação da presente comunicação.

Como estratégia de escrita, foi elaborado um documento com perguntas guias. Um questionário foi feito por documento compartilhado entre nós no Google Docs, onde foram elencadas uma série de perguntas. A seguir, relatamos que a falta de representatividade em nossas trajetórias na música influenciou a forma como enxergamos o espaço que estamos inseridas, que é o ambiente acadêmico, de forma que, caso tivéssemos um maior contato com professoras, intérpretes, pesquisadoras e compositoras, teríamos uma visão mais inclusiva e com menos percalços neste caminho que decidimos seguir como professoras e intérpretes.

A primeira pergunta é uma breve descrição da trajetória das autoras com o violão. A primeira autora compartilha que sua incursão no repertório de concerto⁴ foi inspirada por

⁴ Definimos “repertório de concerto” e “repertório canônico” como aquele eurocentrado e produzido entre os séculos XVII ao início do século XX. Tudo o que for fora deste repertório necessita de adjetivos como “música



uma experiência marcante: a observação de Ana Vidović⁵ tocando "Recuerdos de la Alhambra" enquanto estudava em um projeto social. Essa vivência despertou seu interesse pelo violão erudito e a fez ponderar sobre o futuro de sua carreira musical. Embora tenha desistido de ingressar no Bacharelado em Música pouco tempo antes da prova, optando pela Licenciatura em Música, encontrou uma maneira de conciliar sua formação acadêmica com o curso técnico em violão erudito, que ela iniciou um ano após entrar na graduação. Atualmente, ela se dedica a ambos os cursos simultaneamente, buscando aprimorar suas habilidades e ampliar seu conhecimento musical.

A segunda autora, por sua vez, revela que seu envolvimento com o violão teve origem em sua família, na qual muitas pessoas tocavam o instrumento de forma amadora. Aos 16 anos, soube de um projeto social que oferecia aulas de violão, mediante um processo de seleção. Ao ser aprovada, teve a oportunidade de estudar com duas professoras, Lourdes Campos e Conceição Moreira. Foi nesse contexto que teve seu primeiro contato com o repertório do violão clássico, ouvindo composições como "Greensleeves", "Romance de Amor" e "Sons de Carrilhões", bem como algumas músicas de João Pernambuco. Essa experiência despertou-lhe uma forte vontade de tocar aquelas músicas que tanto apreciava, levando-a a aprendê-las de ouvido, por meio de imitação. Além disso, ela teve a oportunidade de tocar em um trio de violões com amigos, o que a levou a descobrir a existência de uma faculdade de música. Apesar das dúvidas e dificuldades encontradas ao longo do caminho, perseverou e concluiu o Curso de Bacharelado em Música - Violão em 2022, atualmente prosseguindo seus estudos na Licenciatura em Música.

Quando perguntadas sobre o quão presentes ou ausentes são/foram as mulheres violonistas e/ou professoras e/ou pesquisadoras de violão em sua formação e o que achariam que mudaria se a representatividade tivesse sido diferente, a primeira autora destaca a

folclórica", "música popular", "música comercial". De acordo com Queiroz (2017, p.146), "(...) nos cursos/habilitações de graduação do Brasil o termo "música" equivale, em 88% da realidade estudada, prioritariamente à "música erudita ocidental" ou músicas decorrentes de suas bases históricas e estéticas."

⁵ Vidović é uma violonista croata. A intérprete é considerada um prodígio, tendo começado suas lições em violão aos 5 anos. Foi a mais jovem estudante da National Musical Academy em Zagreb, onde ingressou aos 13 anos. A violonista também já performou e performa na Europa, Ásia, América do Sul e outros continentes, tendo ganhado prêmios como o Albert Augustine International Competition, Fernando Sor Competition, Eurovision Competition for Young Artists e diversos outros prêmios conhecidos na área violonística. Disponível em: <<https://www.anavidovic.com/biography/>>. Acesso em: 09/07/23.

ausência de professoras de violão e pesquisadoras em seu percurso até o momento atual. Essa lacuna em sua formação desperta a consciência da importância dessas figuras na ampliação de seus horizontes musicais. Ela expressa o desejo de compreender melhor as possibilidades que o instrumento oferece e menciona a falta de acesso a obras compostas por mulheres, como as de Lina Campos e Eunice Katunda, cujo trabalho poderia ter sido conhecido através da influência de professoras e pesquisadoras.

Por sua vez, a segunda autora relata sua experiência de começar a aprender violão com duas professoras em um contexto de projeto social. No entanto, ao ingressar no ambiente acadêmico, ela se deparou com uma realidade desafiadora: a escassez de mulheres violonistas em sua turma. Essa percepção de desequilíbrio de gênero gerou-lhe sentimentos de insegurança e ansiedade, especialmente ao participar de eventos como *masterclasses*. A partir do momento em que teve a oportunidade de estudar com a professora Sabrina Souza⁶, percebeu que a falta de representatividade feminina vai além de sua experiência pessoal e é uma questão mais ampla no corpo docente da UFRN.

A partir da fala de ambas, torna-se evidente que a representatividade de mulheres no campo do violão é fundamental no processo formativo. Ambas destacam a falta de modelos femininos ao longo de suas jornadas e como isso impactou sua compreensão do potencial do instrumento, assim como a possibilidade de se conectar com compositoras mulheres. Além disso, a segunda autora compartilha a percepção de um ambiente acadêmico desafiador, onde a ausência de professoras violonistas gerou questionamentos e até mesmo desafios emocionais.

Essas percepções nos convidam a refletir sobre a importância contínua de promover a igualdade de gênero na música e incentivar o crescimento de mulheres como instrumentistas, professoras e pesquisadoras. É fundamental que os espaços musicais sejam inclusivos e valorizem a diversidade de perspectivas. E a presença de mulheres violonistas,

⁶ Sabrina Souza é uma violonista natural de Vitória-ES. Possui bacharelado em música com habilitação em violão pela FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo), mestrado em Práticas Interpretativas pela UFRGS e é doutoranda na mesma instituição. Faz parte do duo Capixaba com Renan Simões, com quem também gravou o CD Capixaba e apresentou-se em diversas mostras musicais dentro e fora do Brasil. O duo também ficou em 3º lugar no Concurso Violão sem Fronteiras (SP). O contato com Sabrina se deu quando a mesma foi professora substituta da UFRN nos cursos de bacharelado e técnico em violão. Sabrina também atuou na Escola de Extensão de Música D'Alva Stella Nogueira Freire vinculada ao Departamento de Artes da Faculdade de Letras e Artes (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN).

professoras e pesquisadoras não apenas potencializa o ambiente musical, mas também inspira outras mulheres a escolherem e seguirem seus caminhos no campo da música.

Com a pergunta “Imagine-se um homem. Como vocês acham que teria sido a sua trajetória de formação e atuação musical se você fosse homem? O que vocês acham que teria sido diferente?”, a primeira autora aponta que, caso fosse homem (levando em consideração os recortes de privilégios já mencionados), provavelmente teria iniciado seus estudos de violão em uma idade mais precoce. Ela ressalta que seus primeiros instrumentos foram violino aos 8 anos e o canto aos 14 anos, sem lembrar exatamente como os escolheu. O fato de ter começado a tocar violão solo apenas aos 16 anos é percebido por ela como uma escolha relativamente tardia, levando em consideração os “padrões da música”. Ela também menciona que, durante sua jornada musical, teve poucos exemplos de mulheres tocando violão principalmente em contextos de acompanhamento vocal.

A segunda autora, por sua vez, reflete que, caso fosse homem, poderia ter desfrutado de mais oportunidades e enfrentado menos desafios psicológicos ao longo de sua formação musical. Ela sugere que teria acesso a uma maior quantidade de oportunidades, como a possibilidade de viajar e participar de festivais de música, com menor restrição por parte da família. Ambas, portanto, mencionam como fatores sociais e culturais como elementos com potencial de impactar experiências e perspectivas de mulheres no campo da música, sugerindo a existência de desigualdades e obstáculos que podem afetar o desenvolvimento pleno de potenciais musicais de mulheres.

Por fim, ao serem perguntadas sobre a suas percepções em relação a importância de discutir o papel de mulheres – e outros grupos minorizados – em pesquisas da área de Música, a primeira autora enfatiza a influência de pesquisadoras como Mayara Amaral, Thaís Oliveira e Yanaêh Mota em sua percepção sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na música. Ela destaca a invisibilização das compositoras e a predominância do “repertório canônico”, que carece de representatividade feminina. Para ela, discutir essas questões é fundamental para questionar a estrutura da música e seu repertório, especialmente no contexto do violão. Por sua vez, a segunda autora ressalta a importância dessas discussões como forma de inspirar outras mulheres a trilhar caminhos musicais e enfrentar os desafios impostos pela sociedade. Ela menciona a participação na 1ª Mostra de Mulheres Violonistas



do Coletivo de Mulheres Violonista BR, um evento que reuniu aproximadamente 100 mulheres violonistas, professoras e compositoras. Ela destaca que, ao se sentir acolhida e representada nesse contexto, encontrou coragem para participar de um momento significativo. Ela também aponta a necessidade de avaliar a presença de mulheres e grupos minorizados em eventos musicais, ressaltando a importância de garantir sua representatividade.

Embora apresentem diferentes perspectivas sobre o tema, há um ponto comum em suas respostas: a importância de discutir o papel das mulheres e grupos minorizados na música. Ambas reconhecem a necessidade de visibilizar e valorizar as contribuições desses artistas, seja como compositoras, intérpretes, professoras e/ou pesquisadoras. Elas compartilham o entendimento de que essas discussões são essenciais para promover a igualdade de gênero, estimular a participação de mais mulheres na música e questionar a predominância de estruturas e repertórios tradicionais marcados pelo patriarcado. Acreditamos que, ao abrir espaço para essas vozes e perspectivas, é possível construir um ambiente musical mais diversificado, justo e enriquecedor para todas, todes e todos.

Considerações finais

Este trabalho buscou refletir sobre nossas vivências como duas estudantes do curso de licenciatura em música, que também são violonistas e autoras deste trabalho, ressaltando a importância de nossas experiências pessoais na discussão sobre as mulheres violonistas. Nossas trajetórias como estudantes e violonistas refletem os desafios enfrentados por mulheres nesse campo, destacando a baixa ou a total falta de representatividade feminina na formação e atuação musical.

Compartilhamos as dificuldades e limitações que encontramos ao longo de nossas jornadas, evidenciando a escassez de referências femininas no repertório, no ensino e na performance do violão. A presença de poucas referências femininas em nossas trajetórias de formação e atuação afeta diretamente na permanência e motivação para os estudos de violão e de pesquisas neste campo, que ainda é, majoritariamente, um espaço com pouca diversidade, seja em corpos ou em repertório fora do “canônico”.



Ao relatarmos nossas experiências, destacamos a importância de desconstruir estereótipos de gênero e promover a inclusão das mulheres como compositoras, intérpretes e educadoras musicais no universo do violão. É necessário fomentar espaços que promovam a participação de mulheres, que valorizem as suas contribuições e reconheçam, efetivamente, suas capacidades musicais, buscando uma representatividade mais equilibrada e diversa em currículos, pesquisa e prática do violão.

Ao contextualizar nossas vivências com as dissertações de mestrado analisadas, este trabalho ressalta a relevância das pesquisas acadêmicas para o entendimento das questões de gênero na música e para a transformação das realidades no universo do violão, e da música e da educação musical em geral. As análises musicais, os levantamentos de repertório e as reflexões teóricas presentes nas dissertações de Mayara Amaral (2017) e Thaís Oliveira (2022) fornecem embasamento para a compreensão das desigualdades enfrentadas pelas mulheres no campo da música e para a promoção de mudanças efetivas nesse cenário. Mais estudos sobre o tema podem embasar e fomentar esta discussão, que não deve ser uma luta apenas de mulheres da música, mas de qualquer pessoa que se preocupa que percebe a necessidade de promover uma maior diversidade e equidade de gênero no universo da música e da sociedade em geral.

Esperamos que esta comunicação contribua para ampliar o reconhecimento e a visibilidade das mulheres violonistas, incentivando uma transformação nas práticas de ensino, pesquisa e performance, para inspirar futuras gerações de mulheres – bem como de outros minorizados – a seguirem seus objetivos na música sem restrições impostas por estereótipos de qualquer tipo.

Referências

AMARAL, Mayara. *A mulher compositora e o violão na década de 1970: vertentes analíticas e contextualização histórico-estilística*. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Ana Vidović. Biography. Disponível em: <<https://www.anavidovic.com/biography/>>. Acesso em: 09/07/23.

CAMAZANO, Priscila. Folha de S.Paulo. *Entenda o que são os conceitos de tokenismo e lavagem da diversidade*. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/entenda-o-que-sao-os-conceitos-de-tokenismo-e-lavagem-da-diversidade.shtml>>. Acesso em: 16/07/23.

CARNEIRO, Patrícia. *Não chame de minoria os que são minorizados*. Coletiva.net. 2022. Disponível em: <<https://www.coletiva.net/artigos-home/nao-chame-de-minoria-os-que-sao-minorizados,421609.ihtml>>. Acesso em: 16/07/23.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Quantidade de Homens e Mulheres*. 2022. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 16/07/23.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. *Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo*. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

OLIVEIRA, Thaís Nascimento. *Reflexões sobre música e gênero na universidade a partir de levantamento e análise musical feminista de obras de mulheres compositoras para violão*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões*. Revista da ABEM, Londrina, v. 25, n. 39, p. 132-159, jul.-dez. 2017. Disponível em: <<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/726>>. Acesso em: 16/07/23.

SILVA, Helena Lopes da. *Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música*. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 11, p. 75-83, set. 2004.

SILVA, Helena Lopes da. *Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso*. OPUS, v. 8, n. 1, p. 74-85, 5 fev. 2002.

